

# Variação dialetal no Português Europeu: aspetos linguísticos da variedade da Beira Baixa

Dialectal variation in European Portuguese:  
linguistic aspects of the Beira Baixa variety

Joana Carolina Pires Inácio<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Universidade da Beira Interior, Portugal  
E-mail: piresjoana2105@gmail.com

Paulo Osório<sup>2</sup> 

<sup>2</sup>Universidade Aberta, Portugal  
E-mail: paulo.osorio@uab.pt

Leonardo Lennertz Marcotulio<sup>3</sup> 

<sup>3</sup>Universidade de Aveiro, Portugal  
E-mail: lmarcotulio@ua.pt

## Editores-chefes

Marcus Dores  
Célia Lopes

Recebido: 03/02/2025

Aceito: 09/05/2025

## Como citar:

INÁCIO, Joana Carolina Pires; OSÓRIO, Paulo; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Variação dialetal no Português Europeu: aspetos linguísticos da variedade da Beira Baixa. *Revista LaborHistórico*, v.11, n.1, e68319, 2025. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v11n1.68319>

## Resumo

Este trabalho investiga fenómenos fonéticos, morfossintáticos e lexicais com vista a uma abordagem no âmbito da variação dialetal do Português Europeu numa região específica de Portugal continental: a Beira Baixa. Com base na análise de dados extraídos de ficheiros de áudio disponíveis no atlas MADISON (Mapa Dialectal Sonoro), que refletem a linguagem quotidiana, observam-se os seguintes traços dialetais que se distanciam da norma-padrão e que distinguem, assim, a variedade da Beira Baixa: a) fonética: palatalização de *a* tónico, labialização de *e* tónico, avanço de vogal recuada [ɐ] para vogal não recuada [e], redução da vogal *i*, inserção de *i* em posição final de palavra, palatalização de *u*, monotongação, realização da africada palatal surda, e supressão da fricativa [s] em posição final de palavra; b) morfossintaxe: preposição *a* antecedendo o infinitivo

do verbo, *Ele* expletivo, pronomes clíticos em próclise, advérbios de lugar em posição pré-verbal, *ao depois*; c) léxico: vocábulos distintos da norma-padrão e palavras não dicionarizadas.

### Palavras-chave:

Variação dialetal. Beira Baixa. Variação fonética. Variação morfossintática. Variação lexical.

### Abstract:

This study investigates phonetic, morphosyntactic, and lexical phenomena with a view to an approach within the scope of dialectal variation in European Portuguese in a specific region of mainland Portugal: Beira Baixa. Based on the analysis of data extracted from audio files available in the MADISON atlas (Sonorous Dialect Map), which reflect everyday language, the following dialectal features are observed that deviate from the standard norm and thus distinguish the Beira Baixa variety: a) phonetics: palatalization of stressed *a*, labialization of stressed *e*, fronting of the retracted vowel [ɐ] to the non-retracted vowel [e], reduction of the vowel *i*, insertion of *i* in word-final position, palatalization of *u*, monophthongization, realization of the voiceless palatal affricate, and suppression of the fricative [s] in word-final position; b) morphosyntax: preposition *a* preceding the infinitive form of the verb, expletive *Ele*, clitic pronouns in proclitic position, place adverbs in pre-verbal position, *ao depois*; c) lexicon: words distinct from the standard norm and non-dictionary words.

### Keywords:

Dialectal variation. Beira Baixa. Phonetic variation. Morphosyntactic variation. Lexical variation.

## Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns fenómenos linguísticos, de natureza fonética, morfossintática e lexical, da variedade da Beira Baixa. O interesse pelos dialetos das Beiras, nomeadamente a sua delimitação geográfica e/ou linguística, já se faz presente na Dialectologia Portuguesa desde fins do século XIX.

Leite de Vasconcelos, no *Mapa Dialectológico* de 1893-1897, propõe inicialmente a existência de um dialeto beirão, dividindo-o em subdialetos tendo em conta as várias regiões da Beira: subdialeto da Beira ocidental, subdialeto alto-beirão e o subdialeto baixo-beirão. Paiva Boléo e Maria Helena Silva Santos, no *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal* (1959-1962), apresentaram uma proposta que viria a renovar a ideia até então tida, afastando-se de Leite de Vasconcelos, e utilizando terminologia distinta. Para os autores, os dialetos estudados por Leite de Vasconcelos seriam falares, justificando essa escolha com o reduzido afastamento entre si. Dialectos, para os

autores, são os do Asturo-Leonês, língua falada no reino de Leão, que sobrevivem no território continental, ao longo da fronteira do Nordeste transmontano: o mirandês, no concelho de Miranda do Douro, o quadramilês e o rionorês, no concelho de Bragança. Quanto aos falares, destaque-se o falar de Castelo Branco e de Portalegre, subdividido em subfalares, o de Castelo Branco e o de Portalegre.

Não obstante, Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, na sua *Gramática Portuguesa* (1971), defendem a sua preferência pela adoção de variedades ou falares, distinguindo-os em três zonas subdialetais: o Norte, o Centro e o Sul, afirmando que o Centro é formado pelas Beiras e que «não é senão uma região de transição», não indicando qualquer conjunto de traços que tornasse possível separar esta zona das restantes, sendo classificada por Cintra como uma distinção com base «mais propriamente geográfica do que linguística» (Cintra, 1983, p. 139).

A *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses*, de Cintra, publicada originalmente no *Boletim de Filologia* (1971) e, mais tarde, incluída na sua obra *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (1983), é mais recente e a única «exclusivamente baseada em critérios linguísticos» (Brissos; Saramago, 2014, p. 55). A classificação de Lindley Cintra parte apenas dos traços que são «verdadeiramente relevantes no consenso de um número suficientemente elevado e representativo de pessoas» (Cintra, 1983, p. 140-141), havendo, dessa forma, três grandes zonas ocupadas por três grupos de dialetos, sendo eles (1) os dialetos galegos, (2) os dialetos portugueses setentrionais e (3) os dialetos portugueses centro-meridionais.

O reconhecimento da existência de um dialeto dá-se com a existência de um conjunto de traços fonéticos caracterizadores sentidos pelos falantes. Os padrões que distinguem o grupo de falantes do português do Norte do grupo de falantes do português do Centro-Sul não se alinham nem se sobrepõem de forma direta. Pelo contrário, entrecruzam-se em trajetórias bastante diversas, embora permaneçam dentro de uma área limitada geograficamente que estabiliza onde inicia o Norte, o Centro e o Sul. Paiva Boléo já teria observado, em 1951 (1951, p. 35), o anteriormente mencionado. Segundo Cintra (1983), foi essa dificuldade que levou Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz (1971) a considerarem a região intermediária entre o Norte e o Sul como um Centro, independente de ambos.

Não terão sido, no entanto, as únicas investigadoras a tratar indiferentemente os dialetos portugueses centro-meridionais. É evidente a necessidade de fazer uma distinção entre os dialetos alentejanos, algarvios e beirões (fronteiriços entre Beira Baixa e Estremadura). Fernando Brissos afirmou que a linguagem da Beira Baixa sofre de uma «marcada falta de estudo e apresenta um conjunto importante de questões por resolver» (Brissos, 2011, p. 7). Cintra (1983), aliás, afirma ser de extrema importância destacar os falares de três zonas com forte personalidade própria: Beira Baixa, Alto Alentejo e a região do Barlavento algarvio. Na necessidade de uma organização linguística mais precisa e fundamentada, podemos considerar,

segundo o autor, a separação entre os dialetos do centro-litoral (estremenho-beirões) e os dialetos ribatejanos, baixo-beirão, alentejanos e algarvios. Para demarcar essa fronteira, podemos servir-nos da isófona resultante da monotongação do ditongo *ei*, que vai desde o norte de Lisboa até ao sul de Torres Vedras, seguindo em direção ao norte ao longo da costa, abarcando as regiões dos dialetos centro-interior e do sul. Essa divisão parece justificada pelas características distintamente meridionais desses dialetos, o que reforma a delimitação proposta por Cintra.

Com o intuito de contribuir para o estudo da variação dialetal do Português Europeu, nomeadamente da variedade da Beira Baixa, consideraremos, com base na descrição e análise de dados extraídos de *corpora* empíricos, a variação no vocalismo e nos ditongos, no âmbito da fonética; fenómenos de nomes e adjetivos, pronomes e artigos, verbos, advérbios, preposições e conjunções, no domínio da morfossintaxe; e, por fim, em no que se refere ao léxico, o objetivo será estudar a variação de vocábulos utilizados pelos falantes na área em estudo.

Para tanto, este artigo está organizado da seguinte forma. Na secção 1, apresentamos, na metodologia, os *corpora* de trabalho e os procedimentos metodológicos adotados. Na secção 2, apresenta-se a análise dos dados nos âmbitos da fonética, morfossintaxe e léxico. A essa secção, seguem as considerações finais e as referências bibliográficas consultadas.

## 1. Metodologia

Os dados analisados neste trabalho foram extraídos de três bases de dados: o *Atlas Lingüístico Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), o *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN) e o *Mapa Dialectal Sonoro* (MADISON), todos eles constantes no sítio eletrónico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (<https://clul.ulisboa.pt/recursos>).

Um grupo de investigadores dirigido por Lindley Cintra na década de 70 encarregou-se de desenvolver o *Questionário Lingüístico*, que serviria como guia para a recolha de dados do ALEPG. O questionário focava-se principalmente em questões de vocabulário, com base em termos específicos. Era um questionário tipicamente lexical de base onomástica. Inicialmente, continha cerca de 3,500 perguntas, que, mais tarde, ficaram reduzidas a aproximadamente 2,000, de forma a tornar a sua aplicação mais rápida e, conseqüentemente, facilitar o progresso do projeto. Assim, foram preservados os capítulos que abordavam o léxico que tendia a desaparecer com maior facilidade, incluindo tecnologias tradicionais e práticas agrícolas e pecuárias.

O ALEPG, coordenado por investigadores do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conta com uma rede de 212 pontos de inquérito, distribuídos de forma heterogénea: 176 em território continental, 17 nos Açores, 7 na Madeira e 12 em áreas fronteiriças com Espanha (cf. Saramago, 2006). A escolha das localidades não foi irrefletida: utilizaram-se critérios de seleção conforme os padrões

comummente empregados neste tipo de projetos: a diversidade linguística de cada região e a sua densidade populacional. Da mesma forma, também os informantes foram selecionados a partir de critérios rigorosos: idealmente, os participantes deveriam ter idade superior a 50 anos; a sua escolaridade não deveria ser superior à primária; não deveriam ausentar-se da localidade em estudo e, caso o fizessem, teria de ser, preferencialmente, por curtos espaços de tempo; e os pais e cônjuges deveriam ser naturais da própria localidade ou de regiões próximas (cf. Saramago, 2006, p. 283).

Por seu turno, o CORDIAL-SIN, coordenado pela Professora Doutora Ana Maria Martins, é um projeto que visa estudar a variação sintática dialetal do português europeu, sendo composto por amostras de discurso livre e semi-redigido selecionadas de maneira a representar geograficamente diferentes regiões. Esses excertos foram extraídos de aproximadamente 4,500 horas de gravações realizadas em mais de 200 localidades portuguesas. As gravações fazem parte de projetos como o ALEPG, mas não só: incluem também dados do *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP) e do *Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores* (ALEAç). Os dados recolhidos nesses projetos foram obtidos entre 1974 e 2004, em áreas rurais e piscatórias, tendo sido produzidos por falantes que se enquadram no perfil social típico dos informantes tradicionais em estudos dialetológicos, também aplicado no ALEPG: geralmente idosos, com baixo nível de escolaridade ou analfabetos, e nativos e residentes da comunidade onde ocorreu o levantamento de dados. Destaque-se a extensão do CORDIAL-SIN, que conta com cerca de 650,000 palavras, resultantes da transcrição de aproximadamente 68 horas de gravações levadas a cabo nas 42 localidades ou microrregiões espalhadas por todo o país.

O MADISON, o *corpus* que contempla um conjunto de excertos sonoros retirados de entrevistas dialetais em várias localidades de Portugal Continental e Insular para vários atlas linguísticos, desenvolvido pelo Grupo de Dialetologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), é a base do presente estudo e a sua análise implicou a transcrição de excertos de áudio disponíveis na sua plataforma. Os atlas linguísticos referidos são o ALEPG, já abordado, o ALE (*Atlas Linguarum Europae*), desenvolvido em 1975, com uma rede de 53 pontos em todo o território continental e um questionário composto por aproximadamente 550 perguntas; o ALiR (*Atlas Linguistique Roman*), iniciado em 1987 numa rede total de 110 localidades em território continental e insular, utilizando um questionário com cerca de 600 questões; e o ALLP (*Atlas Linguístico do Litoral Português*), um atlas que teve o seu início em 1984, abrangendo 23 localidades costeiras do território continental e, posteriormente, 17 localidades nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, tendo sido utilizado um questionário com aproximadamente 1200 perguntas.

O MADISON é um recurso criado com base na recolha de respostas a questionários que visam estudar, principalmente, a sintaxe e o léxico locais, e em gravações de fala espontânea que visam, por sua vez, estudar as produções fonéticas locais, gravações

essas em que os participantes narram atividades tradicionais, festas e acontecimentos locais, memórias de infância e experiências individuais. Os informantes, que podem ser homens ou mulheres, cumprem, como exposto, os requisitos comuns a este tipo de investigações: são naturais e residentes permanentes dos locais da entrevista e/ou do questionário, locais esses rurais e de pequena dimensão; são considerados uma representação do modo de falar local, tendo, por isso, preferencialmente, cinquenta anos ou mais, uma escolaridade muito reduzida, senão inexistente, e pouco contacto com falares de outras zonas do país.

Para a realização deste trabalho, procedeu-se à transcrição ortográfica de entrevistas feitas nas localidades de Idanha-a-Nova, Monsanto, Porto de Vacas, Unhais da Serra, Isna e Malpica do Tejo. Em primeiro lugar, fez-se um cabeçalho correspondente a cada ficheiro de áudio transcrito (conforme as normas de transcrição CORDIAL-SIN). Este cabeçalho contém, idealmente, informações como a localidade onde o ficheiro de áudio foi gravado e a respetiva data; o nome de cada um dos informantes, bem como o sexo, a idade e a escolaridade; o nome de cada um dos inquiridores; a fonte de onde os áudios provêm; e os assuntos tratados pelos informantes. No entanto, devido à preferência pelo anonimato dos informantes, não é possível indicar os seus nomes, apenas sendo apresentada informação relativa à idade dos mesmos. Os informantes cuja participação é secundária não apresentam informações relativas à idade, mas estima-se que todos os informantes de uma mesma entrevista compreendem idades próximas. Para distinguir os informantes e facilitar a análise e, posteriormente, a comparação, atribuiu-se a cada um dos mesmos um número de identificação, sendo o número total de informantes 18.

A transcrição ortográfica dos excertos referidos foi feita a partir das normas de transcrição EXMARaLDA (não publicadas) e CORDIAL-SIN, adotando ainda outras soluções ortográficas. Apresenta-se ocasionalmente a transcrição fonética de algumas produções para registar com maior precisão as produções variantes das formas da norma-padrão nos níveis fonético-fonológico. Não obstante, utilizam-se, também, convenções criadas para destacar características relevantes para o estudo da variação dialetal da localidade em questão, nomeadamente para destacar segmentos com variação lexical ou sintática, normas essas que as convenções do EXMARaLDA e do CORDIAL-SIN não permitem destacar. Acresce igualmente que se utilizam transcrições adaptadas das onomatopeias, procurando que se aproximassem o mais possível daquilo que é produzido pelo falante.

Assim sendo, as normas de transcrição utilizadas e referidas anteriormente são várias e ordenam-se do seguinte modo:

1. Para identificar o informador, utiliza-se o código “INF” (com o respetivo número de identificação);



2. Para identificar o inquiridor, utiliza-se o código “INQ” (com o respetivo número de ordem de fala; na existência de dois, são identificados com “INQ1” e “INQ2”), em itálico, para se distinguir do informador;
3. Para identificar segmentos produzidos que fogem à norma-padrão de produção do português europeu, transcrevem-se foneticamente e assinalam-se os mesmos com o código “PH” (phonetic) da seguinte forma: {PH|forma fonética=forma gráfica};
4. Para identificar segmentos com a parte inicial truncada, transcrevem-se foneticamente e assinalam-se os mesmos com o código “IP” (inicial partial) da seguinte forma: {IP|forma truncada=forma completa};
5. Para identificar formas contraídas, transcrevem-se foneticamente e assinalam-se as mesmas com o código “CT” (contracted), da seguinte forma: {CT|forma contraída=forma completa};
6. Para identificar formas lexicais não-padrão (ou não dicionarizadas), assinalam-se as mesmas com o código “LX” (lexical) da seguinte forma: {LX|variante lexical};
7. Para identificar formas sintáticas não-padrão, assinalam-se as mesmas a negrito;
8. Para identificar palavras ou sequência de palavras produzidas no mesmo momento de outra produção de palavras ou sequência de palavras (discurso de um informante produzido simultaneamente com o discurso de outro informante), assinalam-se as mesmas com sublinhado contínuo;
9. Para identificar pausas breves na fala, assinalam-se as mesmas com “/”;
10. Para identificar pausas longas na fala, assinalam-se as mesmas com “//”;
11. Para assinalar a repetição involuntária de uma palavra ou de um conjunto de palavras, utiliza-se o código RP” (repeated) da seguinte forma: [RP|palavra ou palavras repetidas];
12. Para assinalar disfluências no discurso, formas ou sequências não concluídas, utiliza-se o código “AB” (abandoned) da seguinte forma: [AB|forma ortográfica dos segmentos produzidos];
13. Para assinalar mudanças no discurso, mantendo, no entanto, o tópico, utiliza-se “[/]”;
14. Para assinalar a reformulação total do discurso, utiliza-se “[///]”;
15. Para assinalar a incompreensão de uma única palavra, utiliza-se “xxx”;
16. Para assinalar a incompreensão de uma sequência de palavras, utiliza-se “yyyy”;
17. Para assinalar risos, utiliza-se “hahaha”;
18. Para assinalar um discurso interrompido, utiliza-se “+”;

19. Para assinalar a suspensão intencional do discurso, utiliza-se “...”;
20. Para assinalar audições duvidosas, utiliza-se “(?)” (para assinalar interrogações, utiliza-se o sinal gráfico sem qualquer alteração);
21. Para assinalar variantes morfológicas resultantes de processos de regularização analógica, utilizam-se aspas simples (‘’).

A título de exemplificação, apresentamos, abaixo, a transcrição ortográfica de «A mezinha das abróteas», relativa à zona de Idanha-a-Nova.

**Localidade:** Idanha-a-Nova

**Concelho:** Idanha-a-Nova

**Distrito:** Castelo Branco

**Data:** 06/1976

**Informante:** 1

**Sexo:** F

**Idade:** 68

**Escolaridade:** -

**Informante:** 2

**Sexo:** F

**Idade:** -

**Escolaridade:** -

**Fonte:** ALEPG

**Inquiridor1:** Manuela Barros

**Inquiridor2:** João Saramago

**Assunto:** Mezinhas, plantas, doenças, terapias, asininos

INF1 A {PH|v'brojɔ=abrótea} tem a rama para cima e {PH|'detɐ=deita} uma [RP|uma] vara para [///] [AB|cha-] / {PH|tʃv'mɛ̃wsi=chamam-se} gavenitos. {PH|tʃv'mɛ̃wsi=chamam-se} [AB|gav-] / {PH|gɐvɐ'nituʃ=gavanitos}. {PH|poj=pois}. E por baixo tem umas batatas {PH|tɐmẽj=também} que [AB|{PH|tɐmẽj=também}] aquelas batatas {PH|tɐmẽj=também} fazem {PH|bɛj=bem}. [AB|Também se faz-] também se fazem pomadas com aquelas batatas. Eu tive uma burra que tinha umas impingens [///] {PH|eʎɐ=o-



lha} esses [AB|são os tais] [AB|as tais abr-], as tais {PH|v'brɔjtaɣ=abróteas}, e criam isto.

INF2 em simultâneo com “são os tais” Ai / hahaha.

INF2 em simultâneo com “e criam isto” {PH|poj=pois}...

INF2 Depois tomam isto +

INF1 Mas uns **se tomam grossos**, outros tomam-se miúdos, pronto.

INF2 em simultâneo com “tomam-se miúdos” {PH|tʃɐmɐli=chama-lhe} a gente um gavenito. E as batatas estão lá debaixo da terra, tomam rama e assim umas folhinhas compridas.

INF1 em simultâneo com “e as batatas estão lá debaixo da terra” E têm batatas lá por baixo.

INF1 em simultâneo com “tomam rama e assim umas folhinhas compridas” [AB|Eu tive uma] eu tive uma burra que ainda é a raça desta burra que agora aí tenho, e tinha umas impingens, e andei com ela no doutor e nos veterinários e {PH|nu=não} {PH|kōsi'girẽw=conseguiram} {PH|ku'rermi=curar-me} as impingens à burra. E no fim [/] e eu quando {PH|ẽde=andei} lá na tal {PH|zi'brerẽ=Zebreira} [/] e [AB|houve ali um] havia lá um homem que [RP|que] também era assim meio / desses homens meio {LX|benzilhões}, não é? // [AB|E o homem] havia lá o rapaz e tinha umas impingens na cara, das bravas. E ele andava no doutor, nos doutores, e [AB|no] / nos barbeiros e {PH|'tafi=tal}, e nada de curarem as impingens ao rapaz. [AB|E no fim] e houve o tal {PH|vẽ'ʎoti=velhote} [/] e eu era assim / maior, já maior, já como [PH|a'kelẽ=aquela] rapariga / e ouvi então aquilo. E [RP|e] [RP|e] vai no fim e diz-lhe o velhote // “então, tu nunca {PH|maj=mais} curas as impingens?” / então, eu fui ao senhor doutor Crisóstemo(?) e tal, que era o doutor lá da Zebreira, e o médico, o barbeiro, ensinou-me isto, ensinou-me aquilo e frito e cozido / e [RP|e] não sou capaz, [AB|nada cura n-] / nada cura as impingens // “Não...? Olha, {PH|vaɣ=vais} arrancar umas raízes de {PH|v'brɔjtaɣ=abróteas}, {PH|dʒ'buʎezɛɣ=debulha-las} bem {PH|dʒbũʎe'diɲɛɣ=debulhadinhas}, tiras aquela casca que têm por fora por causa da terra, mor(?) de terem terra, {PH|dʒ'buʎezɛɣ=debulha-las} e {PH|'ʒmagezɛɣ=esmagar-las} bem esmagadinhas, bem esmagadinhos, e {PH|'põʒɛɣ=põe-las} numa latinha [RP|numa latinha] [AB|que não tenha] que esteja nova, que não esteja / com ferrugem, que não coisa, {PH|'põʒɛɣ=põe-las} numa latinha, com uma pinguinha de {PH|v'zeti=azeite} e deixas ferver essas [RP|essas] abr[ɔj]tas e {PH|vaɣ=vais} mexendo, {PH|vaɣ=vais} mexendo, {PH|vaɣ=vais} mexendo até fazeres uma pomadazinha. E de manhã, em jejum, {PH|põɣ=pões} essa pomada [/] {LX|pintas} as impingens com essa pomada / e {PH|vaɣ=vais} ver se te curas ou não te curas. Só [RP|só] a pôs umas quatro ou cinco vezes, as impingens desapareceram. **Ele(?)** aparece-me a burra com as impingens nas

{PH|o'reʎɐ}=orelhas} e {PH|tʃɐjɐ}=cheia} de impingens. O veterinário / dizia para mim // “olha, isso [//] a burra {PH|'pɔdzɐ=pode-la} {PH|vé'deri=ven-der} que isso já é sangue de umas das outras / **isso** não há nada que cure isso”. Ah, {PH|'vaʎɐmɐ} Deus(?). Ora essa. Não há nada que cure isso? Mas se isso já é yyyy e frito e cozido e tal, o veterinário. E lembrou-me a partida de [RP|de] curar as impingens com as {PH|v'brɔjtɐ}=abróteas}. Digo: «Deixa estar, vou fazer a pomada, [RP|vou fazer a pomada] [AB|vou], arranco uma porção de {PH|v'brɔjtɐ}=abróteas}, {PH|dʒ'büʎwɐ}=debulho-as}, {LX|bo-to-as} para uma lata grande», mas [///] ela tinha uma aqui assim na perna, e ali na perna, aquilo caía {PH|v'kwazi=quase}, caía logo. Fui de cá, {PH|de'teʎi=deitei-lhe} um bocadito de pez [RP|de pez] que é com que se fazem os {PH|sɐpɐ'teru}=sapateiros}, põem nas linhas, não é. {PH|de'teʎi=deitei-lhe} um bocado de pez para dentro das {PH|v'brɔjtɐ}=abróteas} {IP|pɐ=para} {IP|poj=depois} aquilo soldar. {PH|ũ'te=untei} o {PH|ɐni'maʎi=animal}, as {PH|ɔ'reʎɐ}=orelhas} onde tinhas as impingens, [AB|Pus lá] pus lá na coisa / desapareceu logo, desapareceu-lhe tudo, na cabeça, logo o sangue das impingens aos animais, ainda hoje aí tenho as burras.

## 2. Análise dos dados

São inúmeros os traços dialetais encontrados nos excertos transcritos. Distinguem-se, desde logo, as características fonético-fonológicas que diferenciam a variedade da Beira Baixa da norma-padrão do Português Europeu. Estamos, por isso, perante uma verdadeira riqueza a nível de variações específicas neste âmbito. A definição da variedade estabelecida por Cintra, e que aqui é utilizada, mantém-se, apresentando os traços que o autor já havia considerado. Com efeito, os principais traços desta variedade, que se destacam desde logo, têm que ver com o vocalismo, mas há também aspetos a nível consonântico, morfossintático e lexical que devem ser discutidos. Reúnem-se, em seguida, os principais traços encontrados nas transcrições dos ficheiros de áudio utilizados para o presente estudo, traços esses que distanciam fortemente da norma-padrão e que distinguem, assim, o falar da Beira Baixa. Ficam sem destaque os fenómenos que se verificaram esporadicamente, sem apresentar qualquer padrão de utilização, como, por exemplo, o betacismo, fenómeno atípico no dialeto em estudo (centro-meridional), mas que se verificou num dos ficheiros de áudio transcritos. Assim, os fenómenos com maior notoriedade são a palatalização de *a* tónico e a monotongação, com destaque para o ditongo *ei*.

Importa salientar que, em Monsanto, os ficheiros de áudio disponíveis na plataforma MADISON para a localidade não correspondem, em grande parte, à fala espontânea, mas, sim, a orações e canções populares, o que pode levar à limitação de traços encontrados. Da mesma forma, sublinhe-se ainda que, apesar de algumas formas não serem encontradas em determinadas localidades, tal não significa que as mesmas

não sejam produzidas pelos falantes que as habitam. O presente trabalho fora reduzido à audição de três ficheiros de áudio por localidade escolhida, o que, naturalmente, condiciona a sua análise.

Os fenómenos mais frequentes e cuja relevância se destaca, apresentados em seguida, agrupar-se-ão em quadros organizados por localidade, por razões puramente metodológicas, com vista a uma análise ordenada.

## 2.1 Fonética

### 2.1.1 Vocalismo

#### 2.1.1.1 Palatalização de *a* tónico

Conforme descrito por Segura (2013), o *a* desta região sofre palatalização para *e* diretamente correspondente, seja ele aberto, fechado, oral ou nasal, «quando na sílaba pretónica existem (ou existiram) as vogais altas [i], [ĩ], [u] ou [ũ], ou as semivogais correspondentes [j] e [w]» (Segura, 2013, p. 102). No entanto, registaram-se outras produções que não vão ao encontro desta regra, podendo existir, dentro de uma mesma localidade, os dois fenómenos. São inúmeros os exemplos deste traço, que se verificou em quase todas as localidades em estudo, com exceção em Isna, onde não foram encontrados quaisquer fenómenos desta natureza.

**Quadro 1** - Palatalização de *a* tónico

	Produções encontradas
<b>Idanha-a-Nova</b>	{PH ku'rermi=curar-me}, {PH tʃe'memuʎi=chamamos-lhe}
<b>Monsanto</b>	{PH dʒtresõʃ=distrações}
<b>Porto de Vacas</b>	{PH ʒũ'tevẽw̃si=juntavam-se}, {PH fj'er=ficar}, {PH crj'evẽ=criava}, {PH ke'mevẽw̃=queimavam}, {PH pu'ʃevẽw̃=puxavam}, {PH buʃ'ker=buscar}
<b>Unhais da Serra</b>	{PH tʃe'memuʒʎi=chamamos-lhe}
<b>Malpica do Tejo</b>	{PH pĩ'gẽlu=pingalho}, {PH su'er=suar} {PH ʃgemuʃ=chegámos}, {PH pu'terẽʃ=pularem}

#### 2.1.1.2 *E* tónico: labialização de [e] em [œ]

A respeito do *e*, quando se encontra em posição tónica, este tende a labializar, passando a produzir-se como [œ], semelhante a produções francesas como *peur* (cf. Brissos, 2011, p. 17). Apenas foram encontradas produções deste tipo nas localidades de Porto de Vacas, Unhais da Serra, Isna e Malpica do Tejo. O fenómeno não ocorre em todas as produções de *e* tónico nessas mesmas localidades, muito embora a labialização do *e* tónico seja descrita por vários estudiosos como um dos traços marcantes

da variedade dialetal da Beira Baixa e Alto Alentejo. Não é, porém, o traço com mais representação no presente estudo, tendo em conta o número de produções de *e* tónico e o número de produções em que o mesmo efetivamente labializa.

**Quadro 2** - Labialização de [e] em [œ]

	Produções encontradas
Porto de Vacas	{PH  <b>v</b> 'soezu=aceso}, {PH  <b>k</b> e'boese=cabeça}, {PH  <b>t</b> oẽpu=tempo}
Unhais da Serra	{PH  <b>f</b> e'zoer=fazer}
Isna	{PH  <b>k</b> u'zoer=cozer}, {PH  <b>t</b> i'soer=tecer}, {PH  <b>v</b> oez=vez}, {PH  <b>t</b> i'roenu=terreno}
Malpica do Tejo	{PH  <b>d</b> i'zoer=dizer}, {PH  <b>k</b> u'zoer=cozer}

#### 2.1.1.3 Avanço de vogal recuada [ɐ] para vogal não recuada [e]

Nas localidades estudadas constatam-se alguns casos de produções em que se dá o avanço da vogal recuada [ɐ] para vogal não recuada [e], nomeadamente em palavras terminadas em *-elho*, *-elha*, *-enho* e *-enha*. Este fenómeno não ocorreu com frequência. Apenas foram encontradas algumas produções em Idanha-a-Nova, como [o'reléʃ] (orelhas), e, em Unhais da Serra, [o'veléʃ] (ovelha).

Em Monsanto, Porto de Vacas, Isna e Malpica do Tejo não foram encontrados quaisquer fenómenos desta natureza. No entanto, é necessário frisar que não se produziram igualmente quaisquer palavras terminadas em *-elho*, *-elha*, *-enho* e *-enha*, para além das apontadas, pelo que não se sabe se o fenómeno poderia ou não ter sido mais frequente. Ainda, importa salientar que o oposto, a passagem de [e] para [ɐ], também se verifica, principalmente quando estamos perante uma vogal nasal, [ẽ], em palavras como *então*, produzidas como [ɐ'tẽw̃], em alguns casos, como em Isna («Depois ainda é {PH|ɐ'tẽw̃=então} espadanado») e Malpica do Tejo («E {PH|ɐ'tẽw̃=então} o 'batizo'»)

#### 2.1.1.4 Redução da vogal i

A supressão da vogal *i* e a passagem à vogal neutra no interior de palavra também é um fenómeno que merece destaque, uma vez que se distancia da norma-padrão. Foram encontradas algumas produções nas localidades de Monsanto e Unhais da Serra. Porém, o fenómeno também parece ocorrer ao contrário, passando a vogal neutra para *i*. Vejam-se os exemplos de algumas produções em Idanha-a-Nova e em Monsanto.

Em Porto de Vacas, Isna e Malpica do Tejo não se observaram fenómenos, quer de redução de vogal *i*, quer de passagem de vogal neutra para *i*.

**Quadro 3** - Redução da vogal *i* e passagem de vogal neutra para *i*

	Produções encontradas
<b>Idanha-a-Nova</b>	{PH  <b>kôsi' girêw</b> =conseguiram}
<b>Monsanto</b>	{PH  <b>dʒtresô jʃ</b> =distrações}, {PH  <b>ĩ pe'rajmi</b> =amparaí-me}
<b>Unhais da Serra</b>	{PH  <b>f'kar</b> =ficar}

**2.1.1.5 Inserção de *i* em posição final de palavra**

Como já observado por Brissos, verificou-se com frequência a inserção de vogal alta não recuada *i* no final das palavras produzidas e a elevação do *e* final átono em /i/. O fenómeno parece ocorrer quando as palavras terminam em consoante lateral ou líquida, ou em vogal neutra. Esta inserção não tem, no entanto, qualquer conteúdo significativo. Apesar de não terem sido produzidos quaisquer fenómenos desta natureza nas localidades de Monsanto (porventura pelo contexto não espontâneo das gravações) e Isna, não será incorreto afirmar que é um fenómeno comum e característico da região, sendo também um dos mais comuns no falar da Beira Baixa, tendo em conta a frequência com que ocorre nas restantes localidades.

**Quadro 4** - Inserção de *i* em posição final de palavra

	Produções encontradas
<b>Idanha-a-Nova</b>	{PH  <b>vê 'deri</b> =vender}, {PH  <b>eni' mati</b> =animal}, {PH  <b>'dehi</b> =dele}, {PH  <b>neʃ'seri</b> =nascer}, {PH  <b>'tali</b> =tal} {PH  <b>ve'ʎoti</b> =velhote}
<b>Porto de Vacas</b>	{PH  <b>ve'e'seri</b> =aquecer}
<b>Unhais da Serra</b>	{PH  <b>'greði</b> =grande}, {PH  <b>ve' reri</b> =varrer}
<b>Malpica do Tejo</b>	{PH  <b>diʃ'piri</b> =despir}, {PH  <b>bu'βeri</b> =beber}

**2.1.1.6 Palatalização de *u***

A palatalização de *u* é considerada por muitos linguistas como o fenómeno mais comum no falar da Beira Baixa. Quer seja oral, quer seja nasal, a palatalização de *u* é frequente em todas as localidades investigadas, o que faz deste fenómeno, efetivamente, um traço distintivo da área em estudo. É mais frequente numas localidades, menos frequente noutras, mas nota-se em todas elas, havendo sempre, salvo raras exceções, uma tendência à palatalização quando se produz a vogal *u*.

**Quadro 5** - Palatalização de *u*

	Produções encontradas
<b>Idanha-a-Nova</b>	{PH  <b>ü</b> 'neru=unheiro}, {PH  <b>jizü</b> 3=jesus}
<b>Monsanto</b>	{PH  <b>di</b> 'bü <b>Λe</b> =debulha}
<b>Porto de Vacas</b>	{PH  <b>rü</b> <b>e</b> =rua}
<b>Isna</b>	{PH  <b>tü</b> <b>di</b> =tudo}, {PH  <b>ni</b> ' <b>ñü</b> <b>me</b> =nenhuma}
<b>Unhais da Serra</b>	{PH  <b>tü</b> <b>di</b> =tudo}
<b>Malpica do Tejo</b>	{PH  <b>lü</b> <b>mi</b> =lume}, {PH  <b>pülēw</b> =pulem}

**2.1.2 Monotongação**

A monotongação é uma característica muito marcada do falar da Beira Baixa. A par da palatalização do *u* e da inserção de *i* em final de palavra, pode considerar-se um dos traços distintivos desta região. O ditongo que mais se destaca é, sem dúvida, o *ei*, que monotonga em quase todas as suas produções, mas não é o único. O ditongo *ei* é, na maior parte das vezes, produzido como *e* fechado. Destaque-se que há localidades em que se conserva o ditongo em posição final de palavra e monotonga-se em posição interior, havendo ainda outras localidades que produzem os dois. Podemos, portanto, afirmar que os próprios ditongos sofrem variação, tendo o ditongo *ei* um especial destaque.

**Quadro 6** - Monotongação de *ei* ([ej] > [e])

	Produções encontradas
<b>Idanha-a-Nova</b>	{PH  <b>ü</b> 'neru=unheiro}, {PH  <b>jizü</b> 3=jesus}
<b>Monsanto</b>	{PH  <b>di</b> 'bü <b>Λe</b> =debulha}
<b>Porto de Vacas</b>	{PH  <b>rü</b> <b>e</b> =rua}
<b>Isna</b>	{PH  <b>tü</b> <b>di</b> =tudo}, {PH  <b>ni</b> ' <b>ñü</b> <b>me</b> =nenhuma}
<b>Unhais da Serra</b>	{PH  <b>tü</b> <b>di</b> =tudo}
<b>Malpica do Tejo</b>	{PH  <b>lü</b> <b>mi</b> =lume}, {PH  <b>pülēw</b> =pulem}

Da mesma forma, o ditongo *eu* surge produzido, esporadicamente, como *e* fechado. Esta monotongação apenas se verificou nas localidades de Idanha-a-Nova, Monsanto e Malpica do Tejo. O pronome pessoal «eu» e os pronomes possessivos «meu» e «seu» são os que mais monotongam. No entanto, importa ressaltar que, quando estamos perante um morfema verbal do pretérito perfeito, como «desapareceu», não há monotongação do ditongo *eu*, como visto em «desapareceu logo, desapareceu-lhe tudo», no excerto «A mezinha das abróteas» de Idanha-a-Nova.



**Quadro 7** - Monotongação de *eu* ([ew] > [e])

	Produções encontradas
<b>Idanha-a-Nova</b>	{PH  <b>me</b> =meu}
<b>Monsanto</b>	PH  <b>e</b> =eu}, {PH  <b>me</b> }=meus}, {PH  <b>me</b> =meu}
<b>Malpica do Tejo</b>	{PH  <b>se</b> =seu}

No caso da monotongação de *ai*, o único caso encontrado reside em Idanha-a-Nova, com a produção de {PH|vaʃ=vais}. No entanto, é interessante destacar que, com o ditongo *oi*, tal não acontece, como podemos observar em [e'brojɐ], forma produzida na localidade de Idanha-a-Nova, variante da forma *abrótea*, em que o ditongo *oi* permaneceu, sem sofrer monotongação; o mesmo acontece com a produção de «pois» e «depois», mas nem sempre: há localidades em que o ditongo sofre monotongação, produzindo-se como ['poʃ] (Idanha-a-Nova, Monsanto, Isna e Malpica do Tejo) e [di'poʃ] (Isna e Malpica do Tejo), respetivamente; outras em que o ditongo permanece, e outras em que se produzem ambas as formas. As palavras *coisa* e *coisinha*, em Unhais da Serra, por sua vez, também sofrem monotongação; em Isna e Malpica do Tejo, houve ainda a produção de ['koʒi]. Já a produção de *loirinho* sofre monotongação para [lo'riɲu], em Isna.

Sabe-se que na zona em estudo é comum, em discurso espontâneo, todos ou grande parte dos ditongos *ou* serem produzidos como [o], quer em interior de palavra, quer em final de palavra. Nas transcrições apresentadas apenas foram encontradas duas formas deste tipo, em Monsanto e Malpica do Tejo, com a produção de {PH|'pokeʃ=poucas} e {PH|'otrɐ=outra}, respetivamente. Verificou-se ainda um caso em que não existe ditongo, mas o mesmo é produzido, em Isna, com a produção de «boas» como ['bowɐ].

No caso das vogais nasais, também elas sofrem monotongação, tal como Brissos já havia indicado, passando o ditongo *ão* a produzir-se como [ɐ], em alguns casos, e [ũ] noutros, chegando mesmo a sofrer desnasalização, produzindo-se como [e] ou [u]. Exemplos deste fenómeno são a produção do advérbio de negação *não*, que aparece, em muitos casos, como [nu] (Idanha-a-Nova, Porto de Vacas, Unhais da Serra, Isna e Malpica do Tejo) e [nũ] (Isna e Malpica do Tejo), e *então* como [e'tɐ] (Porto de Vacas). O ditongo [ũj], por sua vez, em palavras como *muito*, também tem tendência a monotongar para ['mũtu] (Porto de Vacas, Unhais da Serra e Isna). Já o ditongo [ɐj] aparece monotongado e desnasalizado em Malpica do Tejo, havendo produções de *nem* como [ne] e *ontem* como ['õtɐ].

### 2.1.3 Consonantismo

#### 2.1.3.1 Africada palatal surda

É visível em todas as localidades a produção da africada palatal surda, [tʃ], o que demonstra a conservação da mesma. Tal como Brissos afirma, o verbo *chamar* parece ser aquele em que a africada mais se conserva (cf. Brissos, 2011, p. 136), mas a alteração também se deu no verbo *chegar*, bem como em alguns vocábulos. Note-se que a produção da africada palatal surda é produzida em maior número em contexto inicial de palavra, que Brissos afirma poder dever-se à «maior perceptibilidade que a consoante adquire em posição intervocálica (...), e a comodidade articulatória que a africada dá em início de palavra, pois proporciona um arranque forte» (Brissos, 2011, p. 136-137). As exceções para este fenómeno foram Monsanto e Isna, onde não se encontraram produções da consoante. Brissos (2011) afirma ainda que esta consoante nos remete para «um estado de língua em que era regular, sem limitação especial de contexto que não seja a linguagem mais conservadora» (Brissos, 2011, p. 137). De facto, o fenómeno parece ser produzido por falantes conservadores, tendo em conta todos os traços produzidos pelos mesmos no restante diálogo.

**Quadro 8** - Africada palatal surda

	Produções encontradas
<b>Idanha-a-Nova</b>	{PH tʃe'meŵ~si=chamam-se}, {PH tʃemeɫi=chama-lhe}, {PH tʃeje=cheia}, {PH gã'tʃinu=ganchinho}, {PH tʃe'memuɫiʃ=chamamos-lhes}
<b>Porto de Vacas</b>	{PH tʃgareŵ~chegaram}, {PH tʃe'maveŵ=chamavam}
<b>Unhais da Serra</b>	{PH tʃe'memuzɫi=chamamos-lhe}
<b>Malpica do Tejo</b>	{PH ketʃu'pipeʃ=cachopinhas}, {PH tʃe'maveɫi=chamava-lhe}, {PH tʃgave=chegava}, {PH tʃgareŵ=chegaram}, {PH ke'tʃopeʃ=cachopas}

#### 2.1.3.2 Supressão da fricativa [s] em posição final de palavra

Os advérbios *depois*, *pois* e *mais* representam um dos fenómenos mais frequentes na zona da Beira Baixa e que se verifica em quase todas as localidades em estudo. A supressão da fricativa [s] em posição final de palavra é um dos fenómenos com mais registos em advérbios como os mencionados. Em Idanha-a-Nova, Porto de Vacas e Unhais da Serra registaram-se inúmeras produções de [di'poj], no lugar de *depois*. Da mesma forma, registou-se ['maj], na vez de *mais*, em Idanha-a-Nova, Monsanto e Porto de Vacas. Destaque-se que o fenómeno não se verifica em substantivos, como *animais*, forma encontrada em várias localidades e que respeita a norma-padrão em todas elas.

A forma ['poj] registou-se, curiosamente, apenas em Idanha-a-Nova, porém, com bastante frequência. Nas localidades de Isna e Malpica do Tejo não foram produzidos nenhum destes fenómenos.

A propósito, a inserção da fricativa [s] em posição final de palavra também é frequente, sobretudo em verbos como *vir*. É possível encontrar formas como *viestes*, em Idanha-a-Nova, repetitivamente, e *conservastes*, em Monsanto.

## 2.2 Morfossintaxe

### 2.2.1 Preposição *a* antecedendo o infinitivo do verbo

Em Isna e Malpica do Tejo, este último em maior destaque, é comum a utilização da preposição *a* antes do infinitivo complemento do verbo. Os verbos *ir* e *vir* são os que apresentam esta construção com maior frequência. Vejam-se os exemplos encontrados nos excertos de Malpica do Tejo, «tenho que lhe **ir a** deitar água benta», «quando **vão a** buscar [AB|a au] a água benta para os mortos», «**vai a** gente **a** {PH|de'tar=deitar} a água benta», «Quando **iam a** [RP|a] buscar o pão quente», e de Isna, «**vai a** lavar». Em Monsanto e Porto de Vacas registou-se a utilização desta variação com o uso de dois outros verbos, *mandar* e *ouvir*, em construções como «**Mandam-nos a** rezar» e «**Ouvíamos assim a** cantar», respetivamente. A inserção da preposição não parece acrescentar qualquer conteúdo significativo ao seu contexto, tal como visto nos casos de inserção de *i* em posição final de palavra. É uma estrutura comum na zona da Beira Baixa, mas não específica da mesma, uma vez que existem formas que podem passar para o plano escrito, estando dentro da norma-padrão (cf. Brissos, 2011, p. 165).

### 2.2.2 Ele expletivo

No que concerne à variação sintática, surge com frequência nas localidades de Idanha-a-Nova e Monsanto, apenas, a utilização de pronomes expletivos, como *isso* e *ele*. Alguns exemplos de Idanha-a-Nova são «**Ele** aparece-me a burra com as impingens nas orelhas», «**Ele** nascia cá aquilo nas ovelhas», «**Ele** nada de curar os bezerros», «[...] **isso** não há nada que cure isso» e «olha, **isso** [//] a burra {PH|'pɔdzɐ=pode-la} {PH|vé'deri=vender}»; em Monsanto, encontramos a produção «**Ele** tantas vezes, tantas vezes, tantas vezes, tantas vezes que passavam por cima do trigo, {PH|e'tõw=então} é que aquilo ficava trilhado».

O uso de *ele* expletivo não é estranho aos falantes, não sendo, por isso, um traço distintivo da Beira Baixa. É, antes, considerado pelos linguistas uma variação expectável da língua portuguesa, dada a sua frequência em discursos orais espontâneos. Trata-se, portanto, de uma forma de realçar a situação que se descreve dando ao pronome uma função expletiva, isto é, com valor genérico, servindo apenas para dar ênfase ao discurso (cf. Martins, 2003, p. 10).

### 2.2.3 Pronomes clíticos em próclise

Esporadicamente, alguns informantes colocam os pronomes clíticos em posição proclítica, isto é, antes do verbo. Um dos exemplos mais curiosos ocorre em Idanha-a-Nova, com a produção de «Mas uns **se tomam** grossos, outros tomam-se miúdos, pronto». A forma *se tomam* apresenta um pronome clítico em posição pré-verbal, desviando-se, assim, da norma-padrão; no entanto, a forma produzida em seguida, *tomam-se miúdos* respeita a norma-padrão, sendo a posição enclítica o padrão base de colocação de pronomes clíticos no Português Europeu. Em Porto de Vacas, verificou-se a produção de «(...) ao fim de **se elas apagarem** (...)»

Não se pode afirmar que existe um padrão no falar da Beira Baixa relativamente à colocação dos pronomes clíticos em posição pré-verbal. Contudo, não deixa de ser interessante observar as diferentes posições dos mesmos e a forma como a mesma varia no discurso de um mesmo falante.

### 2.2.4 Advérbios de lugar em posição pré-verbal

A colocação de déíticos espaciais, especificamente os advérbios de lugar, como *cá* e *lá*, por parte dos informantes pode ser interpretada com alguma estranheza por falantes que façam uso da norma-padrão do Português Europeu. É bastante frequente em Porto de Vacas a colocação do advérbio de lugar *cá* e *lá* em posição pré-verbal, isto é, antes do verbo, em alguns contextos. Na localidade mencionada, encontramos produções como «Ah, {PH|e=eu} comecei a **lá ir** (...)», «E íamos juntas, era [RP|era] [//] iam aos sábados / a praça ao domingo é que **lá se vendia**, (...)», «(...) que era o Tortosendo, que **lá está**, (...)», «Até a loiça, até [RP|até] **as cá vendi** (...)» e «(...) andavam os homens a xxx e vendiam-lhe lá aqueles que **cá vinham** buscar com os {LX|machos}...»

Tal como no fenómeno anterior, não se pode afirmar que existe um padrão de colocação, uma vez que a própria colocação varia ao longo do discurso: vejam-se os exemplos de algumas produções em que o advérbio é colocado em posição pós-verbal, como «E primeiro {PH|tʃgarew̃=chegaram} **cá** (...)», «(...) ainda [RP|ainda] ia a minha mãe, **ia lá** [RP|ia lá] muitas mulheres (...)», «{PH|ezú'tevew̃'si=juntavam-se} / **lá** no [RP|no] caminho por aí acima (...)».

### 2.2.5 «ao depois»

O advérbio *depois* aparece frequentemente produzido como *ao depois*, como se de uma locução adverbial se tratasse. Produz-se integralmente como *ao depois*, em Porto de Vacas e Malpica do Tejo, porém, encontram-se ainda outras produções que aparentam ter o mesmo valor. A expressão parece produzir-se sob a forma de [ɛdi'poj], em Idanha-a-Nova («{PH|ɛdi'poj=depois} veio outro com umas pomadas boas e aquilo {PH|ɛdi'poj}=depois} deu resultado»), [ɛ'poj], em Porto de Vacas («juntava-os e {PH|ɛ'poj}=depois} vendia-os»), e [ɛdi'poʃ], em Malpica do Tejo («{PH|

edi'poʃ=depois}, sabe como é que [//] quando a gente às vezes não [RP|não] podia apanhar água»), estas últimas produzidas pelos mesmos falantes que produziram *ao depois* sem qualquer alteração fonética.

## 2.3 Léxico

No que respeita à variação de tipo lexical, observam-se alguns vocábulos distintos da norma-padrão e até mesmo palavras não dicionarizadas. Numa primeira instância, considerou-se importante fazer uma distinção entre palavras dicionarizadas e palavras não-dicionarizadas, para que surja no leitor uma consciência do quão invulgar a produção de algumas palavras (não-dicionarizadas) é. Em suma, palavras não dicionarizadas são palavras que só têm produção em determinadas regiões e que, ao serem mencionadas a alguém que não pertença a essa região, são, muitas vezes, indecifráveis. Muitas vezes são produzidas de forma diferente pelos próprios falantes da região (vejam-se os exemplos *gavanha* e *vaganha*, adiante). No quadro seguinte, agrupam-se por localidade todas as variantes lexicais encontradas nas transcrições dos excertos de áudio utilizados para o presente estudo.

**Quadro 9** - Variantes lexicais

	<b>Produções encontradas</b>
<b>Idanha-a-Nova</b>	{LX benzilhões}; {LX pintas}; {LX boto-as}; {LX machos}
<b>Monsanto</b>	{LX desencarraram}; {LX machos}
<b>Porto de Vacas</b>	{LX carroigos}; {LX ranchada}; {LX estagrande}; {LX acartavam}; {LX acartavam-nas}; e {LX machos}; {LX acartar}; {LX cangalhas}
<b>Isna</b>	{LX bastinho}; {LX ralo}; {LX basto}; {LX vaganha}; {LX Espadana}; {LX tasquinha}; {LX zangarilho}; {LX gadeira}; {LX ugavam-se};
<b>Unhais da Serra</b>	{LX giesta}; {LX aconham}; {LX aconhare}; {LX conhas}; {LX conhas de giesta}; {LX aconhar}; {LX gadanha}; {LX uga-o}; {LX nagalhos}; {LX ugava-o}; {LX ugado}; {LX ugá-lo}; {LX acalca}; {LX bota-se}; {LX bote}; {LX bota}
<b>Malpica do Tejo</b>	{LX cachopinhas}; {LX pingalho}; {LX pingalhos}; {LX Desprezada}; {LX constipação desprezada}; {LX cachopas}

Analisando o conjunto de dados acima, entende-se de imediato que, ainda que algumas das produções encontradas estejam dicionarizadas, as mesmas são pouco conhecidas pelos falantes que não são naturais das localidades em estudo, ou que não estão familiarizados com o estilo de vida rural e campestre; da mesma forma, quando são conhecidas, são consideradas regionalismos, não fazendo parte do vocabulário utilizado em discurso formal, na norma-padrão.

Passando à observação das produções encontradas, os verbos *botar* (Idanha-a-Nova e Unhais da Serra), *debulhar* (Idanha-a-Nova e Monsanto), *pintar* (Idanha-a-Nova), *desencarrar* (Monsanto), *acartar* (Porto de Vacas), *ugar* (Isna e Unhais da Serra) e *calcar* (Unhais da Serra) são verbos dicionarizados, com definições disponíveis em vários dicionários, físicos e digitais. Não nos são estranhos, mas há casos em que são utilizados com um significado que não é expectável: o verbo *pintar*, por exemplo, («{LX|pintas} as com essa pomada») parece ser utilizado como variante lexical sinónima do verbo *espalhar* (a pomada). Atente-se ainda para a variação em número que os verbos apresentam. O verbo *aconhar* (Unhais da Serra) é o único não dicionarizado, bem como todas as suas variantes (*aconham*, *aconharem*, *conhas*). Parecem, no entanto, pelo contexto em que são utilizados, ser uma variante sinónima de *recolher*.

No que concerne aos substantivos e adjetivos encontrados, apesar de a maioria fazer parte de palavras dicionarizadas (o que não elimina a hipótese de a sua compreensão apenas ser possível tendo em conta o contexto em que ocorrem, não havendo, nesse caso, certezas do seu significado), considerou-se relevante fazer o seu levantamento tendo em conta a pouca ou nenhuma frequência com que parecem ser produzidas na variedade padrão do Português Europeu. Para consulta, utilizam-se os dicionários digitais *Priberam*, *Infopédia* e *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)*. Ora, a variante *machos* (Idanha-a-Nova e Porto de Vacas), dicionarizada, parece ser sinónima de *bois* ou *burros*; por sua vez, a variante *benzilhões* (Idanha-a-Nova), dicionarizada, parece fazer referência a homens que tinham a função de benzer, isto é, curar doenças; a variante *carroigo* (Porto de Vacas), não dicionarizada, parece ser sinónima de *cesta*; a variante *ranchada* (Porto de Vacas), dicionarizada, faz referência a um grupo numeroso de pessoas; a variante *cangalhas* (Porto de Vacas), dicionarizada, faz referência a transportes puxados por animais; as variantes *basto* e *bastinho* (Isna), dicionarizadas, são sinónimas de *espesso*, *robusto*; *ralo* (Isna), por sua vez, é utilizada como antónimo, estando também dicionarizada; *gadanha* e *vaganha* (Isna e Unhais da Serra) parecem ter o mesmo significado (ferramenta para ceifar), no entanto, apenas a forma *gadanha* se encontra dicionarizada; as variantes *espadana* e *tasquinha* (Isna), dicionarizadas, são sinónimas e fazem referência a um instrumento para trabalhar o linho; a forma *zangarilho* (Isna) não se encontra dicionarizada, mas subentende-se, pelo contexto, que faz referência a um instrumento de trabalho agrícola; *giesta* (Unhais da Serra), dicionarizada, contrariando o expectável, faz referência a uma vassoura feita de ramos; *nagalhos* (Unhais da Serra), dicionarizada, parece ser o equivalente a *cordel*; as variantes *cachopas* e *cachopinhas* (Malpica do Tejo), dicionarizadas, fazem referência a mulheres jovens, crianças; *pingalho* e *pingalhos* (Malpica



do Tejo), dicionarizadas, fazem referência a uma pessoa cujas roupas se encontram molhadas; por último, a forma *desprezada* (Malpica do Tejo), conhecida na norma-padrão, adota outro significado, fazendo referência a algo *ruim*. Destaque-se que, sem a consulta de dicionários, seria possível compreender o significado de algumas produções essencialmente pelo contexto em que as mesmas ocorrem e estão inseridas; a compreensão de outras, sem possibilidade de consulta, seria impossível.

Note-se, ainda, a utilização frequente do substantivo *coisa* («que não esteja / com ferrugem, que não *coisa*», em Idanha-a-Nova; «que depois é para ir ser / gramada numa *coisa* de pau», em Isna), utilizado por alguns informantes para referirem um objeto que não conseguem nomear (podendo ser qualquer um), possivelmente por esquecimento.

## Considerações finais

A observação dos dados extraídos de ficheiros de áudio disponíveis no atlas MADISON (Mapa Dialectal Sonoro) permite-nos conhecer um pouco mais de um espaço dialetal do Português Europeu, nomeadamente a Beira Baixa, ainda não suficientemente contemplado pela literatura linguística, muito embora seja considerado, como vimos, em propostas de natureza dialetológica. Na amostra analisada, chamam a atenção alguns aspetos linguísticos que se distanciam da variedade padrão e que, por isso, podem ser considerados traços dialetais que caracterizam, em maior ou menor medida, a variedade da Beira Baixa, como a palatalização de *a* tónico; a labialização de *e* tónico; o avanço de vogal recuada [ɐ] para vogal não recuada [e]; a redução da vogal *i*; a inserção de *i* em posição final de palavra; a palatalização de *u*; a monotongação; a realização da africada palatal surda; a supressão da fricativa [s] em posição final de palavra; a presença da preposição *a* antecedendo o infinitivo do verbo; o uso de *Ele* expletivo; o uso de pronomes clíticos em próclise; o uso de advérbios de lugar em posição pré-verbal; o uso de *ao depois*; bem como o uso vocábulos distintos da norma-padrão e palavras não dicionarizadas.

Após a análise de aspetos variáveis nos âmbitos da fonética, morfossintaxe e léxico relativamente aos traços distintivos do falar da Beira Baixa, constata-se que muitos dos fenómenos, já documentados por Leite de Vasconcelos e Lindley Cintra, permanecem no falar da Beira Baixa até, pelo menos, aos finais do século XX.

## Financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro.

## Referências bibliográficas

- BRISSOS, F. J. C. **Linguagem do Sueste da Beira no tempo e no espaço**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.
- BRISSOS, F. J. C.; SARAMAGO, J. O problema da diversidade dialetal do Centro-Sul português: informação perceptiva versus informação acústica. **Estudos de Linguística Galega**, v. 6, p. 53-80, 2014.
- CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (Ed.). **MADISON - A Sound Map for Portuguese Dialects**. Disponível em: <http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=home>. Acesso em: 9 mar 2025.
- CINTRA, L. Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses. **Boletim de Filologia**, XXII, p. 81-116, 1971.
- CINTRA, L. **Estudos de Dialectologia Portuguesa**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1983.
- CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. M. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Edições 70, 1971.
- MARTINS, A. M. Variação e mudança no português. **A Língua Portuguesa: Actas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais-2002**, p. 29-44, 2003.
- PAIVA BOLÉO, M. Os estudos de linguística românica na Europa e na América desde 1939 a 1948. Suplemento bibliográfico da **Revista Portuguesa de Filologia**, v. I, 1951.
- PAIVA BOLÉO, M.; SANTOS SILVA, M. H. O mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental. **Estudos de Linguística Portuguesa e Românica**, v. I, tomo I, p. 310-351, 1974.
- SARAMAGO, J. O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). **Estudis Romànics**, v. XXVIII, p. 281-298, 2006.
- SEGURA, L. Variedades dialetais do português europeu. In: RAPOSO, E. et al (Eds.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 83-142.
- VASCONCELOS, J. L. **Opúsculos**. Vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.